

A LINGUAGEM COMO *MEDIUM* EM WALTER BENJAMIN
THE LANGUAGE AS MEDIUM IN WALTER BENJAMIN

Wesley da Silva Costa¹

RESUMO

No presente artigo, abordaremos o conceito de *Medium* da linguagem em contraposição à de *Mittel*, na filosofia de Walter Benjamin. Apoiar-se-á, precipuamente, na análise do ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* (1916). Este ensaio, considerado por muitos teóricos, hermético e de difícil compreensão, traz em suas teses uma concepção de linguagem diferente daquela proferida pela chamada “virada linguística” do século XX. Nota-se que a linguagem, para Benjamin, assume um caráter essencialista, no sentido de que não pode ser reduzida à mera atividade comunicativa. A crítica do autor berlinense dirige-se àqueles que visam instrumentalizar a linguagem: concebendo-a como “meio” (*Mittel*), através do qual se comunica algo. E é a partir de uma releitura do livro Gênesis, do Antigo Testamento bíblico, que Benjamin encontrará os fundamentos necessários para sustentar que a linguagem não se resume em significante e significado. Entretanto, a linguagem é o *Medium*, ambiente e modo de comunicação, no qual a expressão e conhecimento dá-se “na” linguagem e não “através dela”. Essa última compreensão, Benjamin chamara de concepção burguesa da linguagem. Disso decorre a importância da compreensão do *Medium* da linguagem para compreender as teses benjaminianas acerca da arte, direito, história e política.

Palavras-chave: Linguagem. *Medium*. História. Política.

ABSTRACT

In the present article, we will approach the concept of *Medium* of the language in opposition to the one of *Mittel*, in the philosophy of Walter Benjamin. It will be based on the analysis of the essay *On language in general and on the language of man* (1916). This essay, considered by many theorists hermetic and difficult to understand, brings in its theses a conception of language different from that uttered by the so-called “linguistic turn” of the twentieth century. It is noted that Benjamin's language assumes an essentialist character, in the sense that it can not be reduced to mere communicative activity. The Berlin author's criticism is directed at those who seek to instrumentalize language: conceiving it as a “mean” (*Mittel*), through which something is communicated. And it is from a re-reading of the Genesis book of the Old Testament

¹Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atualmente é graduando em Direito pela Faculdade de Pinhais - 5º período e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná. Paraná. Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3996-5067> E-mail: wesleydasilvacosta@outlook.com

Bible that Benjamin will find the necessary foundations to hold that language is not summed up in meaning and meaning. However, language is the *Medium*, environment and mode of communication, in which expression and knowledge take place "in" language and not "through it." This latter understanding, Benjamin had called the bourgeois conception of language. From this follows the importance of understanding the Medium of language to understand Benjamin's theses about art, law, history and politics.

Keywords: Language. *Medium*. History. Politics.

INTRODUÇÃO

Quem escreve sobre Benjamin, sente-se impelido ao fracasso. (Marcia Tiburi. Prefácio à Walter Benjamin: uma biografia).

No presente artigo, empreenderemos uma abordagem acerca da linguagem em Walter Benjamin, mais precisamente em seu ensaio dedicado a essa temática, escrito em 1916. Visamos compreender o conceito de *Medium*, em contraposição ao de *Mittel*. Esses termos têm grande relevância na constituição da filosofia de Walter Benjamin. Note-se que ambos os termos são traduzidos para o português como "meio", contudo, possuem acepções diferentes. Se por um lado, o termo *Mittel* apresenta-se como um "meio para um fim", um modo de alcançar determinada finalidade. Dessa maneira, o contexto de sua utilização remete à instrumentalidade, um "através do meio". Por sua vez, *Medium* designa o meio como matéria e modo de comunicação, sem relação com algum fim exterior ao próprio meio. O contexto desse termo é de *imediatez* [*Unmittelbarkeit*], um "no meio".

A relevância em abordar essa diferenciação, realizada pelo autor berlinense em diferentes momentos em seus escritos, decorre da importância de que tal distinção faz-se crucial para melhor compreensão das teses benjaminianas envolvendo linguagem, arte, política, história e metafísica. Defenderemos, portanto, a noção de meio [*Medium*] como um ponto de vista metafísico-político de visão de mundo. Além de, é claro, expor que este conceito está no cerne do objetivo de Walter Benjamin, quando este visa realizar sua (auto) interpretação original de pensar o conhecimento e sua relação com a linguagem. Para tanto, realizaremos uma análise minuciosa do

ensaio *Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens (1916)*, contando, ainda, com (re) leituras realizadas por diversos especialistas da filosofia benjaminiana.

As teses que abordaremos são, precipuamente, de um período juvenil. Essas são correntemente caracterizadas como fase da “metafísica da juventude”². O período “metafísico” corresponde desde o advento dos primeiros escritos aos escritos de transição, por volta de 1925, quando ocorre o contato de Benjamin com o materialismo-dialético de Marx. Nessa época de juventude, “Benjamin esperava que a iluminação invocada nessa ‘metafísica da juventude’ surgisse da conversação entre os consortes, mediada pela literatura; [...] esperava que ela surgisse de um giro para dentro” (WITTE, 2017, p. 27). Neste sentido, veja-se a afirmação de Kátia Muricy (2009, p. 18): “Nos textos anteriores à época da redação da tese sobre o drama barroco, a linguagem [...] é vista como capaz de totalizar a experiência fragmentada do mundo”. Para compreender o papel da linguagem, analisaremos o texto sobre a linguagem que Bernd Witte definira como “altamente hermético em sua postura linguística” (2017, p. 32). Passemos à exposição da estrutura desta apresentação.

Este trabalho está dividido em cinco partes. À primeira, intitulada *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem: um ensaio hermético/esotérico*, dedicamo-nos em apresentar alguns apontamentos sobre o ensaio em questão. Em seguida, apresentamos o suposto paradoxo da filosofia da linguagem em Benjamin, razão pela qual intitulamos de “*O paradoxo da linguagem*”. Neste ponto, o problema gira em torno daquilo que comunica a linguagem, se quando o faz, não o faz por completo; contudo, somente pode ser expresso nela. A terceira parte, *O ato de nomear*, dedica-se a analisar a tarefa humana de nomeação da natureza, como continuação do ato criacional divino. *O conceito de revelação: sobre o exprimível e o inexprimível*, corresponde à quarta parte deste trabalho. Nela abordamos a importância do conceito de revelação para compreender os limites da linguagem em Benjamin. Por fim, a quinta parte busca atingir o objetivo deste trabalho, qual seja, o de apresentar o conceito de *medium* linguístico, como um ponto de vista metafísico-político na filosofia benjaminiana. Essa concepção, ao nosso ver, atravessa todo o pensamento do autor e não se trata somente de uma hipótese de uma fase

²Em carta à Carla Seligson, em 1913, após romper laços com o professor Gustav Wyneken (1875-1964) e seu Movimento da Juventude, Benjamin afirma: “esse sentimento constante e vibrante pela abstratividade do espírito eu chamaria de juventude” (BENJAMIN *apud* WITTE, 2017, p. 27).

”infecunda”, mas de uma concepção-chave para compreender a filosofia benjaminiana.

Destarte, concordamos com Schneider (2005, p. 10), ao afirmar que a linguagem em Benjamin, em “sua apresentação fragmentada e multifacetada possibilita entrever uma constelação de elementos capaz de dinamizar as relações da filosofia com as mais diversas áreas do saber já constituídas e da cultura em seus aspectos emergentes”. Passemos, portanto, ao início dessa exposição.

SOBRE A LINGUAGEM EM GERAL E SOBRE A LINGUAGEM DO HOMEM: UM ENSAIO HERMÉTICO/ESOTÉRICO

Na teoria da linguagem, construída em suas linhas mais decisivas em um ensaio de 1916, é que se encontra parte dos conceitos fundamentais de seu pensamento (Kátia Muricy – Alegorias da dialética).

O ensaio, intitulado Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens, foi escrito por Benjamin em 1916. Nele encontramos uma concepção esotérica acerca da linguagem, pois, como se sabe, Benjamin não aderiu ao movimento da chamada virada linguística do pensamento que permeou sua época³. Neste ensaio, a teoria da linguagem apresentada pelo autor não tem “uma pretensão científica [e] foge de qualquer filosofia da linguagem que possa ser construída ou retomada em uma perspectiva instrumentalista” (MURICY, 2009, p. 102). Entretanto, o hermetismo não deve-se somente ao fato de não ter aderido aos movimentos contemporâneos à redação do ensaio; pois, isso decorre do desenvolvimento de uma concepção inovadora acerca da linguagem, apresentada por Benjamin no texto de 1916, e que viria a ser desenvolvida com ardor no prólogo epistemológico-crítico de sua tese sobre o drama barroco alemão⁴.

Esta concepção de linguagem permanece fundamental para compreensão da vasta obra do autor berlinense. Consoante a esse entendimento, corrobora Jacobson (2003, p.86, tradução nossa), ao afirmar que:

³Consoante, veja-se Márcio Jarek, 2016. p. 14.

⁴BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Para Benjamin, o elo com a linguagem da criação não era simplesmente uma tentativa desanimada de trabalhar teoricamente com a matéria judaica, mas também uma tentativa de encontrar uma base para sua própria filosofia [...] a origem da linguagem é, nesse sentido, não apenas base do judaísmo, mas também está no coração do pensamento de Benjamin sobre epistemologia, direito e estética⁵.

Benjamin, na abertura do ensaio sobre a linguagem, afirma que “toda manifestação da vida espiritual humana pode ser concebida como uma espécie de linguagem” (BENJAMIN, 2011, p. 49). Acerca disso, o professor Márcio Járek (2016, p. 86) afirma-nos que “essa formulação orientará todo o restante da argumentação do ensaio e estará presente em quase todas as construções teóricas dos escritos posteriores de Benjamin”.

Para compreendermos as teses contidas neste ensaio visando atingir o objetivo deste trabalho, qual seja, o de apresentar a noção do *Medium* da linguagem como um projeto metafísico-político de visão do mundo, devemos retomar algumas de suas exposições acerca da linguagem. De início, vejamos:

A língua, ou linguagem, significa o princípio que se volta para a comunicação de conteúdos espirituais [...] toda comunicação de conteúdos espirituais é a língua, linguagem, **sendo a comunicação pela palavra apenas um caso particular**: o da comunicação humana e do que a fundamenta ou do que se funda sobre ela (a jurisprudência, a poesia) (BENJAMIN, 2011, p. 49-50, grifo nosso).

Ao afirmar que a comunicação por palavras é apenas um caso particular, dentre outras existentes, Benjamin antecipara o que se segue: o fato de que a língua permeia e pertence a absolutamente tudo, pois “não há evento ou coisa, tanto na natureza animada, quanto na inanimada, que não tenha, de alguma maneira, participação na linguagem, pois é essencial a tudo comunicar seu conteúdo espiritual” (BENJAMIN, 2011, p. 51). Então, a manifestação do conteúdo espiritual não pertence somente a manifestação do espírito humano, mas a tudo que possa ser concebido; nesse sentido, “não é um privilégio do homem” (PERIUS, 2013, p.47). Contudo, “a constatação fundamental [...] é a de que tudo é linguagem, sendo a do homem um caso particular e privilegiado” (SCHNEIDER, 2005, p. 174). A expressão do conteúdo

⁵No original, em inglês: “For Benjamin the link to the language of creation was not simply a halfhearted attempt to work theoretically with Judaic material but also an attempt to find a basis for his own philosophy [...] The origin of language is, in this sense, not only the basis of Judaism but also at the heart of Benjamin’s thinking on epistemology, law, and aesthetics”.

espiritual não é exclusiva do homem, mas a posição de como ocorre essa comunicação possui uma diferenciação importante que será demonstrada mais adiante.

Mesmo no caso particular do homem, existem as diversas “línguas”, Benjamin ao tratar dessa característica toma como exemplo a língua alemã, nota que ela é apenas “uma” dentre outras diversas que estão contidas no ato de comunicar – *na* linguagem. Para o autor, a língua alemã não é a expressão de tudo que se pode expressar “através” dela, mas a expressão de algo que possa ser distinto dela mesma. Assim, a língua alemã (ou qualquer outra) “comunica a essência espiritual que lhe corresponde” (BENJAMIN, 2011, p. 52), não “através” dela, mas “nela” (*na/em* linguagem). Nesse sentido, não haveria um falante que se comunica através das muitas línguas, mas que se comunica na língua, o que tornaria possível (se se observasse de fora) notar que a “essência espiritual não é idêntica à essência linguística” (Idem).

A partir disso, Benjamin demonstra que há uma certa relação de correspondência e não de identidade entre essência linguística e espiritual, vejamos:

A essência espiritual só é idêntica à essência linguística *na medida em que é comunicável*. O que é comunicável em sua essência espiritual é sua essência linguística. Portanto, a linguagem comunica, a cada vez, a respectiva essência linguística das coisas; mas sua essência espiritual só é comunicada na medida em que se encontra imediatamente encerrada em sua essência linguística, na medida em que ela seja *comunicável* (Idem, grifo no original).

Conforme Oneide Perius (2013, p. 48), aqui Benjamin aponta “para uma diferenciação entre a linguagem e a essência espiritual que se transmite na linguagem” e que, apesar disso, não invalida suas formulações anteriores – de que a essência espiritual se transmite somente pela linguagem –; contudo, a linguagem não dissipa todo o conteúdo espiritual daquilo que transmite. Nesse ponto reside o paradoxo crucial do texto, mesmo que todo conteúdo espiritual “só” possa ser expressado na linguagem, e por isso há uma conexão intrínseca entre ambos, justamente no acontecer da expressão linguística, mesmo neste instante, os conteúdos espirituais das coisas não são completamente expressos.

O PARADOXO DA LINGUAGEM

Ou será antes a tentação de colocar a hipótese no início, que constitui o abismo de todo o filosofar? (Walter Benjamin. Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem).

Mas o que comunica a linguagem, se aquilo que ela comunica (expressa) não o faz por completo, mas, ao mesmo tempo, só pode ser comunicado nela? Vimos acima que a linguagem comunica a essência espiritual de algo que possui uma relação de correspondência com ela, e que há uma distinção fundamental entre isto acontecer “na” língua ou “através” dela. Ainda, que apesar de a linguagem não esgotar o conteúdo cognoscível (espiritual) daquilo que expressa, as coisas somente expressam-se nela. Por isso, Benjamin afirma que toda linguagem comunica a si mesma; por exemplo, a linguagem da lâmpada não comunica a lâmpada enquanto tal, mas aquilo que é comunicável nela – sua essência espiritual passível de corresponder a uma essência linguística –, assim comunica a “lâmpada-linguagem, a lâmpada-na-comunicação, a lâmpada-na-expressão [...] pois, a essência linguística das coisas é sua linguagem” (BENJAMIN, 2011, p. 53, grifo no original).

Benjamin previu a possibilidade de suas argumentações acerca da linguagem tornarem-se alvo de críticas, as quais as denotariam como meras tautologias, em especial a tese de que a essência linguística das coisas é sua linguagem. Contudo, o autor afirma que o essencial para compreender essa afirmação reside no “é”, que equivale a dizer “é imediatamente” (2011, p. 53); reformulando essa tese, Benjamin (Idem, grifo no original) afirma que:

A língua de uma essência espiritual é imediatamente aquilo que é nela comunicável [...] aquilo que é comunicável *em* uma essência espiritual é aquilo *no que* ela se comunica; o que quer dizer que toda língua comunica a si mesma. Ou melhor, toda língua comunica *em* si mesma; ela é, no sentido mais puro, o *meio* [*Medium*] da comunicação.

Constata-se que “a linguagem humana, nesse sentido, é tão somente um ambiente, um âmbito, um meio (Medium) da comunicação” (JAREK, 2016, p. 87). Nessa suposta falha de comunicar totalmente as coisas, surge uma “situação que garante e exige da linguagem um ritmo intermitente e sempre renovado de expressar aquilo que não se deixa expressar totalmente, aquilo que não se deixa esgotar”

(PERIUS, 2009, p. 48-49). Nisso reside sua magia, nessa imediatidade de toda comunicação espiritual. O conhecimento precisa sempre voltar ao ato de comunicar, de conhecer, para melhor expressar-se; mas essa magia possui outro aspecto, não menos importante, o “seu caráter infinito” (BENJAMIN, 2011, p. 54). Pois, devido ao fato de ser possível comunicar algo somente “na” língua, isto “não pode ser limitado nem medido do exterior, e por isso em cada língua reside sua incomensurável, e única em seu gênero, infinitude” (Idem). Conforme Muricy (2009, p. 94-95, grifo nosso):

Qualquer forma de literatura não pode visar um efeito externo a ela mesma, mediatizado. **O efeito é a linguagem mesma em sua expressão imediata – ou mágica, na terminologia de Walter Benjamin.** Esta compreensão da essência da linguagem como sendo a sua imediaticidade – isto é, a linguagem voltada para si própria, agindo sobre si mesma – opõe-se tanto à perspectiva de existência de objetos exteriores, [...] quanto à de que a função da linguagem seria a de comunicar, ou seja, mediar conteúdos.

Valemo-nos, ainda, da acertada interpretação de Schneider (2005, p. 188) a respeito desse caráter de infinitude:

A magia da linguagem aponta para o infinito, ou seja, para a impossibilidade de em seu discurso dar conta do próprio infinito, ou início absoluto, ou fundamento absoluto que propõe. A magia é o sentido da participação da parte que em sua dinâmica reverbera no todo que constantemente pressupõe. Pode até propor um todo suposto, mas esse mesmo gesto de suposição e colocação de fundamento navegará sempre em algo infinito pressuposto que mesmo sinaliza em sua participação. Isto, por outro lado, significa que a pressuposição está a indicar a si mesma no discurso itinerante e participativo, já que a participação não poderá nunca nessa compreensão propor infinito separado.

E como tudo é linguagem, participa da linguagem, está contido na linguagem, “o conceito de linguagem de Benjamin [apresenta-se] como aquele em que a substância linguística de uma coisa ou ser não pode ser dividida [separada] de sua expressão” (JACOBSON, 2003, p. 88, tradução e inserções nossas)⁶. Tais enunciados levaram o filósofo berlinense a concluir que “a definição de algo que não tivesse nenhum tipo de relação com a linguagem corresponderia à uma ideia, contudo, nem mesmo uma ideia como a de Deus, seria capaz de se tornar fecunda” (2011, p. 51). Portanto,

⁶No original, em Inglês: *Benjamin’s concept of language as one in which the linguistic substance of a thing or being cannot be divided from its expression.*

Tudo isso leva ao resultado de que não há conteúdo separado da sua expressão. Qualquer conteúdo tomado como objetivamente separado da sua participação na linguagem é esquecimento fundamental, ou seja, de que só pode ser em participação e, portanto, precisamente em forma de linguagem (SCHNEIDER, 2005, p. 174).

Ainda, segundo Jacobson (2003, p. 89, tradução nossa):

Benjamin conclui que não há nada do vivo, do passado, nem do eterno (isto é, do divino ou do profano) que não é de algum modo parte da natureza na medida em que compartilha um núcleo interno da linguagem e não pode deixar de expressar esse núcleo interior na linguagem, como ela existe, isto é, na expressão de sua substância do intelecto, seu *geistige Inhalt* [conteúdo espiritual] ou *geistige Wesen* [ser espiritual]⁷.

O ATO DE NOMEAR

Até aqui, constatamos que para Benjamin tudo está relacionado à linguagem. Contudo, a linguagem humana possui um certo *locus* especial, e isso atribui-lhe um caráter privilegiado. De antemão, notamos que o ensaio já realiza em seu título essa distinção, com efeito, uma linguagem em geral e a “linguagem do homem”. Essa linguagem peculiar do homem se dá por meio das palavras. Para o autor berlinense, isso não quer dizer que não existam “línguas” fora a humana que “fala por palavras”; contudo, as que encontram-se “fora” da linguagem humana não possuem capacidade de nomear. Assim, “a linguagem humana das palavras pode ser compreendida enquanto ‘tradução’ da ‘muda linguagem da natureza’” (PERIUS, 2009, p. 49). Para melhor distinção, afirmamos que há a linguagem em geral e a linguagem nomeadora – essa última pertence ao homem, capacidade cedida por Deus por meio de “seu poder criador” (BENJAMIN, 2011, p. 62).

A posição especial da linguagem humana está no ato de nomear. Assim, “Benjamin ilustra essa característica da linguagem humana (e da linguagem em geral) retomando, via judaísmo [...] várias referências bíblicas sobre a criação da linguagem e a respectiva relação de Deus com o ser humano” (JAREK, 2016, p. 87). Derrida (2006, p. 45), em sua obra *Torres de Babel*, afirma que uma das “bases profundas”

⁷No original, em Inglês: “Benjamin concludes that there is nothing of the living, of the past, nor of the eternal (that is, of the divine or of the profane) that is not in some way part of nature to the degree that it shares an inner core of language and can not help but express this inner core in language, as it exists, i.e., in the expression of its substance of the intellect, its *geistige Inhalt*, or *geistige Wesen*”.

do ensaio sobre a linguagem é uma teoria do nome E, de fato, para Benjamin a “*essência linguística do homem está no fato de ele nomear as coisas*” (2011, p. 55, grifo no original).

A concepção da linguagem que “não conhece nem meio, nem objeto, nem destinatário da comunicação” (Idem). As coisas comunicam-se ao homem, para tornarem-se inteligíveis a ele. O homem, por sua vez, comunica-se no nomear as coisas, mas a quem o homem se comunica? Benjamin responde a isso de forma polêmica: *no nome a essência espiritual do homem se comunica a Deus*” (BENJAMIN, 2011, p. 55, grifo no original). Portanto, “a linguagem humana não é medium de comunicação entre os homens, [entretanto], ela continua o ato criador de Deus” (PERIUS, 2009, p. 53).

Antes de adentrarmos à interpretação bíblica, levada a cabo por Benjamin neste ensaio para corroborar com sua tese essencialista da linguagem, faremos outros apontamentos sobre a distinção entre os modos de conceber a linguagem. O status conferido ao nome por Benjamin é da mais alta importância, pois ele anula a possibilidade da comunicação “através”. Ainda, justamente por nomear, o homem ocupa o topo por excelência na natureza. Citamos:

O nome é a condensação dessa totalidade intensiva da língua como essência espiritual do homem. O homem é aquele que nomeia, nisso reconhecemos que por sua boca fala a pura língua. Toda a natureza, desde que se comunica, se comunica na língua, portanto, em última instância no homem. Por isso ele é o senhor da natureza e pode nomear as coisas (BENJAMIN, 2011, p. 56).

A linguagem, compreendida como *Medium*, ambiente, matéria e modo de comunicação difere substancialmente de um outro modo de linguagem, a saber, o modelo instrumental da linguagem. Esse modelo instrumental foi vagamente citado acima – quando relatamos os modos das coisas se expressarem: “na” ou “através” da linguagem. Esse “através” confere a utilização da linguagem para atingir a finalidade de comunicativa – em termos benjaminianos “concepção burguesa da linguagem”. Abordaremos as implicações políticas decorrentes desta compreensão instrumental na última parte deste trabalho.

Por ora, faz-se importante frisar que “Benjamin localiza a linguagem como o *medium* necessário para a comunicação do conteúdo espiritual” (PERIUS, 2013, p. 47, grifo no original). Assim, aquele que comunica-se de outra forma (sem ser pelo

Medium da linguagem), não comunica a essência espiritual no ato de comunicar, mas quaisquer outras coisas. Segundo Kátia Muricy (2009, p. 109), Benjamin utiliza-se da teoria do nome para excluir sua concepção de linguagem “tanto do aprisionamento na antinomia sujeito-objeto, quanto de uma perspectiva antropocêntrica da linguagem”.

Pois, devido ao nome, “*a língua é pura e simplesmente* essência espiritual do homem”, ainda, por isso o homem não pode se comunicar através dela, mas somente nela, “dentro dela”. A construção de uma metafísica da linguagem fica mais clara nesta passagem, sobre o nome, na qual Benjamin afirma que:

Pode-se designar o nome como língua da língua, a linguagem da linguagem (desde que o genitivo não designe uma relação de “meio” [*Mittel*], mas de “meio” [*Medium*]), e, nesse sentido com certeza, por que ele fala *no* nome, o homem é o falante da linguagem – e por isso mesmo, seu único falante. Ao designar o homem como “aquele que fala” (que é [...] segundo a Bíblia, “Aquele-que-dá-nome: “e como o homem dava nome a todos os tipos de animais vivos, assim estes deviam *se chamar*”), muitas línguas abrigam esse conhecimento metafísico (2011, p. 56-57).

E utilizando-se da narrativa bíblica da criação, nos capítulos iniciais do livro *Gênesis*, que Benjamin conseguirá encontrar a concordância necessária para desenvolver e fundamentar sua metafísica da linguagem. Conforme veremos na próxima parte deste trabalho.

O CONCEITO DE REVELAÇÃO: SOBRE O EXPRESSÍVEL E O INEXPRESSÍVEL

Quando afirmamos o desenvolvimento de uma metafísica da linguagem por parte de Benjamin, o fizemos tendo como base: a correspondência entre essência espiritual e essência linguística, “a qual só conhece diferenças de grau, produz uma gradação em todo ser espiritual” (BENJAMIN, 2011, p. 58). Contudo, a problemática apresentou-se na incapacidade de expressão total pela essência linguística da essência espiritual. Benjamin nota que o problema linguístico-metafísico gira em torno do conflito, de um lado, entre expresso e expressível, de outro, entre inexpresso e inexpressível. Nesse sentido, o conceito de revelação aparece para Benjamin de forma fundamental para voltar-se “contra a compreensão habitual do espiritual como inexpressível” (MURICY, 2009, p. 109).

Como a relação de identidade entre essência espiritual e linguística já foi refutada acima, Benjamin propõe em seu lugar estabelecer uma correspondência proporcional: “quanto mais espiritual, quanto mais real (isto é, mais ontológico), mais exprimível” (Idem) e isso define a hierarquia dos seres, ou seja, conforme sua capacidade de expressar sua linguagem. Como se sabe, o homem possui uma posição especial para Benjamin – aquela em que as coisas comunicam a ele, e ele próprio comunica-se a Deus – isso o coloca em uma posição hierárquica relativamente elevada perante a natureza. Assim, conforme Muricy (2009, p. 110), “o conceito filosófico-religioso de Revelação (*Offenbarung*) permite hierarquizar essas diferenças [e] a partir dessas concepções Benjamin estabelece uma hierarquia do ser fundada na linguagem”.

A despeito de Walter Benjamin invocar uma interpretação dos primeiros capítulos do livro *Gênesis*, isso não implica em uma interpretação religiosa ou em posicionar a bíblia “enquanto verdade revelada” (2011, p. 60). Pois, [o autor] “parte da discussão da linguagem como unidade e imediaticidade, *Unmittelbarkeit*, e infinitude, *Unendlichkeit*, e tenta desdobrar essa concepção com base no primeiro capítulo de *Gênesis*” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 23, grifo no original). Portanto, o foco de sua investigação empenhar-se-á em encontrar os “fatos linguísticos fundamentais”, vez que a Bíblia considera-se a si mesma como revelação, ou seja, aquilo que torna possível compreender o caráter místico da linguagem. A partir disso, será possível compreender a essência da linguagem “como uma realidade última, inexplicável e mística que só pode ser considerada em seu movimento” (BENJAMIN, 2011, p. 60). Nesse sentido, ensina-nos Muricy (2009, p. 107) que “se Benjamin atribui à linguagem um caráter religioso é para fazer frente a sua degradação em signo e banalização do seu uso utilitário nas sociedades modernas”. Veja-se a passagem em que Benjamin aborda a palavra divina, a qual cria as coisas de modo imediato e daí resulta na correspondência e reconhecimento no nome, pois:

[...] no início e no fim dos atos, aparece, a cada vez, a profunda e clara relação do ato criador com a linguagem. Este começa com a onipotência criadora da linguagem, e ao final da linguagem, por assim dizer, incorpora a si o criado, ela o nomeia. Em Deus o nome é criador por ser palavra, e a palavra de Deus é saber por ser nome. A relação absoluta do nome com o conhecimento só existe em Deus, só nele o nome, porque é intimamente idêntico à palavra criadora, é o puro *meio* do conhecimento. **Mas o homem só nomeia as**

coisas na medida em que as conhece (BENJAMIN, 2011, p. 61, grifo nosso).

A palavra de Deus é a palavra criadora que está na origem do mundo. O conceito de revelação refere-se à palavra criadora de Deus, pois somente em Deus, no íntimo de sua linguagem, ocorre a cognoscibilidade por meio do ato criador. A partir dela, da palavra divina, se desenvolvem a linguagem adâmica (ou paradisíaca) e, posteriormente, a linguagem em sua “queda pós-paradisíaca”. Neste sentido, Bernd Witte (2017, p. 32) afirma-nos que Benjamin:

Distingue em quatro níveis espirituais da linguagem [...]: a linguagem criadora, na qual a palavra cria as coisas de modo imediato e as reconhece no nome; a linguagem adâmica, que é uma linguagem do puro conhecimento no ato de nomear; a linguagem humana contemporânea que Benjamin chama de ‘julgadora’, e, por fim, a linguagem muda das coisas.

O primeiro nível, como já abordamos, corresponde ao ato criacionista, nele o homem ainda está ausente “e não existe distinção entre linguagem e realidade”. No segundo nível, o homem está presente, donde surge a linguagem adâmica, faz-se necessário citar a passagem em que Benjamin aborda a transmissão da potência criadora, realizada por Deus, ao homem. Citamos:

Deus não quis submetê-lo à linguagem, mas liberou no homem a linguagem que havia lhe servido, a *ele*, como *meio* [ambiente] da Criação. **Deus descansou após depositar no homem seu poder criador. Privado de sua atualidade divina, esse poder criador converteu-se em conhecimento** (BENJAMIN, 2011, p. 62, grifo nosso).

Assim, Benjamin pôde afirmar que as coisas, em si mesmas, não possuem nome, pois quando foram criadas pela palavra de Deus não lhe foi atribuída nenhuma palavra; contudo, “ela é conhecida em seu nome pela palavra do homem” (BENJAMIN, 2011, p. 63). De fato, isso ocorre por meio da receptividade ativa da linguagem humana que efetua a tradução da linguagem muda das coisas para a linguagem sonora do homem, mas não só isso, pois ao nomear as coisas o homem atribui um nome a algo que não possui nome. Ao efetuar a tradução da linguagem muda das coisas, a palavra humana está imbricada⁸ ao conhecimento. O homem

⁸ Ou, até mesmo, destinada ao conhecimento.

acrescenta o conhecimento às coisas que antes dele eram mudas, ocorre “a tradução de uma língua imperfeita para uma língua mais perfeita” (BENJAMIN, 2011, p. 64-65). Isso decorre do fato de que “a linguagem paradisíaca é a do puro conhecimento pela doação, feita pelo homem, de nomes às coisas” (MURICY, 2009, p. 111). Assim, como nota Jacobson, a expressão exterior da linguagem para Benjamin está correlacionada ao ato da Criação:

A expressão externa da linguagem começa com um modelo divino, garantindo sua existência profana em uma forma traduzida na linguagem humana. A substância dessa expressão externa está presente em tudo, mas reside indivisível no coração da própria linguagem⁹ (2003, p. 89, tradução nossa).

O terceiro nível é o da “linguagem humana contemporânea”, “judicante”; neste estágio, a linguagem foi degradada pela “Queda”. O homem afastou-se do estado paradisíaco, em que a linguagem era una e correspondia perfeitamente ao que dizia. À transgressão, que ocasionou a degradação linguística, a Bíblia chama de “pecado original”, disso ocorre o nascimento da palavra propriamente humana, sem relação imediata com o dom concedido pelo poder divino, pois:

O pecado original é a hora do nascimento da *palavra humana*, aquela em que o nome não vivia mais intacto, aquela palavra abandonou a língua que nomeia, a língua que conhece, pode-se dizer: abandonou a própria magia imanente para reivindicar expressamente seu caráter mágico, de certo modo, a partir do exterior (BENJAMIN, 2011, p. 67, grifo no original).

Esse buscar fora da própria linguagem, a partir do exterior, diz-se pecado original pois visa “parodiar” a palavra criadora imediata de Deus. O estado paradisíaco e harmônico é retirado do homem no momento em que é expulso do paraíso. A condenação imposta ao homem é a de buscar “eternamente” discernir entre o conhecimento entre o bem e o mal. O conhecimento não é mais imediato, mas mediado pelo julgar. A linguagem judicante visa sempre questionar-se, de forma intermitente, pelo sentido.

⁹No original, em inglês: “*The external expression of language begins with a divine model, guaranteeing its profane existence in a rendered form in human language. The substance of this external expression is present in everything, but resides undivided in the heart of language itself*”.

A Queda é irreversível, não é possível ao homem ascender à linguagem paradisíaca, nem retorno ao estado anterior (pré-Queda), Benjamin tinha plena consciência da impossibilidade de tal demanda. Conforme assinala Perius (2009), recuperar o “paraíso perdido” não é a intenção benjaminiana, e isso já seria por si só suficiente para desmentir qualquer interpretação nessa direção, pois, “o caminho de volta à intimidade absoluta com a palavra criadora de Deus é um caminho que não pode ser trilhado” (PERIUS, 2009, p. 53).

Portanto, vimos que Benjamin nega a possibilidade um retorno à linguagem originária da criação; nega, também, a concepção instrumental da linguagem como “mero signo” convencionado às coisas; como conceber, pois, a linguagem enquanto meio? Ainda, se não se pode ascender, por que Benjamin está preocupado em desviar-se daquilo que ele chama de “concepção burguesa” da linguagem que visa utilizar a linguagem como mero instrumento de comunicação? Compreendemos que isso decorre de um ponto de vista metafísico-político de visão de mundo do jovem Benjamin, o qual passaremos a tratar no próximo ponto deste trabalho.

O MEDIUM DA LINGUAGEM E O AGIR POLÍTICO

O objetivo deste trabalho, já enunciado acima, é apresentar a noção de *Medium* como ponto de vista metafísico-político no pensamento do jovem Benjamin, mais especificamente no seu ensaio sobre a linguagem. Isso levou-nos a abordar as principais teses do referido ensaio. Passemos, portanto, à exposição desta concepção cara ao pensamento benjaminiano. Pois, “desde a análise da tarefa e das possibilidades da linguagem até a posição segura quanto ao trabalho do narrador historiador, encontra-se em Benjamin a questão *política* em maior ou menor grau” (SCHNEIDER, 2005, p. 20, grifo no original).

Como já havíamos mencionado acima, Benjamin contrapõe a noção de *Medium* à de *Mittel*. Importante frisar que, mesmo sob risco de incorrer em repetição, ambos os termos são traduzidos ao português como “meio”. Durante o desenvolvimento de nossa exposição, abordamos as implicações do conceito de *Medium* dentro da metafísica da linguagem desenvolvida por Benjamin. Retomando, *Medium* enquanto *meio* designa matéria, ambiente ou modo de comunicação, dentro dele mesmo, não sendo possível estabelecer uma relação instrumental visando uma finalidade exterior;

isso indica uma relação de “imediatidade” [*Unmittelbarkeit*]¹⁰. Por outro lado, *Mittel* é o meio que visa um determinado fim. Nesse caso, meio designa uma relação instrumental que sempre alude à necessidade de uma mediação. Em suma, *Medium* é o “meio imediato” (na/em), o qual não pode ser instrumentalizado; por sua vez, *Mittel* é o “meio mediado” (para/através de), como um instrumento destinado a um fim pré-determinado.

A essa concepção instrumental, Benjamin chamara de concepção burguesa da linguagem. Em seus termos, essa visão busca designar a linguagem como mera atividade comunicativa, assim, “pode aceitar apenas que comunica alguma coisa a outros homens, pois isso se dá através da palavra com a qual eu designo alguma coisa” (BENJAMIN, 2011, p. 55). Contudo, no fechamento do ensaio sobre a linguagem, notamos que Benjamin afirma que “a linguagem de um ser é o *meio* em que sua essência espiritual se comunica” (BENJAMIN, 2011, p. 72). Claramente, meio aqui trata-se de *Medium*, pois, “a expressão linguística é entendida aqui como mais do que a simples troca de signos com significados predeterminados; é antes a expressão da própria substância daquilo que está sendo comunicado”¹¹ (JACOBSON, 2003, p. 88).

A deturpação da linguagem como mera troca de signos, unicamente como atividade comunicativa – objetivo da concepção burguesa –, “a linguagem como meio instrumental era o que ele já não admitia” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 23). Não admitia, por um lado, pois isso leva a “um questionamento incessante sobre o sentido das coisas, o conhecimento separa-se das palavras, perde sua imediatez e, opaco, depende da abstração dos julgamentos” (MURICY, 2009, p. 112). Por outro lado, a linguagem para Benjamin está necessariamente imbricada ao próprio ser. O ser se comunica “nela” e, mesmo após a “Queda”, há uma tarefa (infinita) destinada à linguagem humana. Citamos, a exposição acertada do professor Márcio Jarek:

A linguagem ‘dá forma à vida’, no entanto, essa forma dada nunca é imediatamente plena. A possibilidade de, em algum momento, a linguagem trazer a forma plena da vida é recebida como uma condição motivadora de uma tarefa que se coloca como infinita (JAREK, 2016, p. 91).

¹⁰Veja-se nota 24 do ensaio *Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem* In: Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. p. 53-4.

¹¹No original, em Inglês: “*Linguistic expression is understood here as more than the mere exchange of signs with predetermined meanings; it is rather the expression of the very substance of that which is being communicated*”

O dar “forma à vida”, moldá-la para ser, inclui uma tarefa propriamente política: a esfera da ação na linguagem. Enquanto *Medium* conserva o elemento mágico, o qual “tem em mira o que é negado à palavra” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 25, grifo no original). Ainda, segundo Seligmann-Silva (2009, p. 24-5):

A oposição de Benjamin a toda literatura que visasse a um efeito (político) explícito através da *utilização* da linguagem como meio de um conteúdo leva-o a destacar o elemento mágico da linguagem e, mais ainda, a encontrar a essência da linguagem no mesmo espaço do silêncio; é apenas a partir desse âmbito mágico que pode nascer uma relação autêntica entre ela e a ação.

Konder (1999, p. 39) afirma que “depois da ‘queda’, do pecado original, a dimensão *nomeadora* da linguagem, que era poderosíssima, passou a ser sacrificada em proveito do uso meramente *comunicativo* das palavras”. A degradação da linguagem em mera atividade comunicativa, simples signos divididos em significante, significado e judicação (bem ou mal), decorre do caráter instrumental da linguagem. Mas qual a posição do homem, em seu estado atual “pós-Queda”, se não pode ascender à linguagem mística nomeadora, mas também não deve deixar degradar-se em uma linguagem instrumental? Benjamin propõe uma terceira via, a saber, “a linguagem é *tradução*” (MURICY, 2009, p. 112).

Vimos que a linguagem do homem acaba por assumir a tarefa de traduzir a linguagem muda da natureza, “pois também a natureza toda é atravessada por uma língua muda e sem nome” (BENJAMIN, 2011, p. 73). Ainda, “desse modo o homem se define pela linguagem humana que mesmo é enquanto sempre relacionado com a linguagem total das coisas que está precisamente a traduzir” (SCHNEIDER, 2005, p. 30).

Essa “tradução” possibilita ao homem o acesso ao conhecimento. Veja-se:

Se a linguagem é inerente ao mundo das coisas enquanto essência espiritual, a essência linguística da realidade empírica depende da linguagem humana que, nomeando, pode traduzir a linguagem muda das coisas. Esta tradução, na linguagem do homem, da linguagem das coisas é, propriamente, o conhecimento (MURICY, 2009, p. 113).

Assim, “toda linguagem superior é tradução de uma linguagem inferior” (BENJAMIN, 2011, p. 73). Isso implica em um impulso criativo do homem, mas que possui suas limitações reais, pois “essa característica da linguagem sempre como

meio (*Medium*) para a atividade criadora-nomeadora do homem esbarra com o problema dos limites da expressão daquilo que possa ser nomeado” (JAREK, 2016, p. 89).

A concepção do *Medium* da linguagem acompanhara Benjamin por todo o percurso de desenvolvimento de sua filosofia. Quando trata-se de poesia, essa “guardaria fragmentos da linguagem paradisíaca” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 24). A respeito do seu conceito de história – conceito que sempre esteve nas preocupações do autor – possui uma relação íntima com a linguagem, pois, “a história é entendida como narrativa em forma de linguagem” (SCHNEIDER, 2005, p. 18). Isso implica no fato de que o historiador, ao saber da relação linguagem-história, deve atentar-se ainda mais à sua tarefa historiográfica, pois, “a consciência desse estado de coisas muda a mentalidade do historiador obrigando-o ao constante reexame da conveniência da escolha das suas citações e elaborações interpretativas” (SCHNEIDER, 2005, p. 18).

Acerca de suas reflexões sobre o direito, há o papel importantíssimo da linguagem. Para o autor berlinense, o direito é uma narrativa, de caráter mítico, que visa sua auto-justificação em uma relação ordenada entre meios e fins. A justiça, segundo Benjamin, só poderia ser possível em uma relação *medial*, ou seja, no *Medium*, na imediaticidade e anulação das narrativas míticas¹².

Também, na arte há o entrelaçamento à linguagem, veja-se o apontamento de Schneider (2005, p. 19), o qual afirma que, para Benjamin:

A arte é também uma linguagem e é tal que com mais autenticidade representa a verdade, pelo fato de preservar a capacidade humana de nomear. Benjamin em sua análise da linguagem considera que a faculdade de nomear sofreu uma cisão em que permanecem separadas a imagem e a significação abstrata e que ambas podem estar unidas nas obras de arte (SCHNEIDER, 2005, p. 19).

A tarefa destinada à linguagem, como vimos, abrange diversas áreas do conhecimento humano. O conhecimento se dá nela (na linguagem), e não através dela. Pois, a linguagem é o *Medium*, ambiente, que possibilita o ato de conhecer.

¹²Veja-se a respeito, os ensaios de Benjamin: *Para uma crítica da violência*. In: Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. p. 147; e, *Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte*. In: Magia e técnica, arte e política. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 154.

Nesse sentido, Benjamin elucida que “a linguagem pode ser comparada a uma senha secreta, que cada sentinela passa à próxima em sua própria língua, mas o conteúdo da senha é a língua da sentinela mesma” (BENJAMIN, 2011, p. 73). É evidente que a forma como apresenta-se a linguagem, durante o desenvolvimento filosófico do autor, sugere transformações e abordagens diferentes. Nesse sentido, Konder (1999, p. 39) afirma que:

Após sua assimilação da perspectiva marxista, nos anos trinta, os fenômenos da degradação da dimensão da nomeadora linguagem e do uso crescentemente instrumental das palavras, em função comunicativa, passaram a ser analisados menos em decorrência do pecado original e da expulsão do paraíso do que em consequência da ascensão da burguesia e do modo de produção capitalista.

Mas, mesmo com tais mudanças de foco, ainda permaneceu viva no autor berlinense, a concepção da linguagem enquanto “*Medium*”. Valemo-nos, ainda, da leitura de Konder (Idem), pois em Benjamin:

Persistiu, porém, a firme convicção de que as linguagens ‘primitivas’, ‘sensoriais’, desfrutavam de um ‘esouro’ ao qual não chegamos a ter, realmente, acesso, na medida em que nos servimos – nas condições atuais – de um instrumento preciso, porém gerador de abstratividade.

Resta-nos, pois, a atividade “infinita” da crítica do conhecimento e isso implica em uma atividade altamente política, em várias circunstâncias: ao contar a história; ao criticar o direito; ao escrever poesias; ao compor uma obra de arte. Tudo desenvolve-se no âmbito da linguagem – em seu *Medium*, por isso a preocupação de Benjamin deve ser levada à sério, a instrumentalização da língua é a própria instrumentalização do ser, da existência. Nisso reside, *in nuce*, sua preocupação política da linguagem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). Org., apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JACOBSON, Eric. **Metaphysics of the profane**: the political theology of Walter Benjamin and Gershom Scholem. New York: Columbia University Press, 2003.

JAREK, Márcio. **A constelação vida**: política e linguagem na juventude de Walter Benjamin. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia, 2016.

KONDER, Leandro. **O marxismo da melancolia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

PERIUS, Oneide. **Walter Benjamin a filosofia como exercício**. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. **A contradição da linguagem em Walter Benjamin**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A atualidade de Walter Benjamin e Theodor Adorno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin**: uma biografia. Trad. de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Artigo recebido em: 14/03/2020

Artigo aprovado em: 15/06/2020

Artigo publicado em: 03/07/2020